

ÉTICA LIBERAL E AS MODIFICAÇÕES DAS RELAÇÕES GERACIONAIS

Lucas de Almeida Semeão¹

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de realizar uma discussão acerca da sensação de atemporalidade nas sociedades orientadas pela ética liberal, e de entender, a partir da sociologia compreensiva de Max Weber, como essa sensação vem modificando as relações geracionais. Através de livros dos mais diversos campos das ciências sociais, artigos, materiais jornalísticos e de vídeo, será defendida a tese de que o antinatalismo, os movimentos pela desriminalização do aborto, o desenvolvimento de certos ramos da genética humana e as demandas mais recentes do movimento *childfree* podem ser vistos, em parte, como sintomas da sensação de descontinuidade temporal e geracional. Por outro lado, também será mostrado como a rejeição *a priori* do conhecimento empírico vem afetando a relação entre jovens e idosos. No entanto, esses efeitos promovidos nas sociedades liberais, sobretudo de viés progressista, não devem ser encarados como uma conspiração dos jovens contra as potenciais gerações futuras e os idosos, mas, sim, como desdobramentos sociais não planejados, originados das ações individuais deliberadas.

Palavras-chave: Liberalismo; Progressismo; Relações geracionais; Idoso; Jovem.

Abstract

This article aims to discuss the notion of a society guided by ethics and understanding, from the comprehensive sociology that understands Max Weber's temporal understanding, how the temporal perception of generations has been modifying relationships. Through material from books from the most diverse fields of social sciences, articles, journalistic and video, the thesis will be defended that antinatalism, the movements for the decriminalization of abortion, the development of certain branches of human genetics and the most recent demands of the childfree movement can be seen, in part, as symptoms of the sense of temporal and generational discontinuity. On the other hand, it will also be shown as an *a priori* rejection of empirical knowledge that has been affecting the relationship between young and old. However, these effects promoted in liberal societies, above all, will come to be seen as a conspiracy of young people against the potential of future generations and the elderly, but rather as unplanned social developments, originating from deliberate individual actions.

Keywords: Liberalism; Progressivism; Generational relationships; Elderly; Young.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir la noción de una sociedad guiada por la ética y el entendimiento, desde la sociología comprensiva que entiende el entendimiento temporal de Max Weber, cómo la percepción temporal de las generaciones ha ido modificando las relaciones. A través de material de libros de los más diversos campos de las ciencias sociales, artículos, periodísticos y videos, se defenderá la tesis de que el antinatalismo, los movimientos por la despenalización del aborto, el desarrollo de ciertas ramas de la genética humana y las más recientes demandas del movimiento sin niños puede verse, en parte, como síntomas de la sensación de discontinuidad temporal y generacional. Por otro lado, también se mostrará como un rechazo *a priori* del conocimiento empírico que viene afectando la relación entre jóvenes y mayores. Sin embargo, estos efectos promovidos en las sociedades liberales, sobre todo, vendrán a ser vistos como una conspiración de los jóvenes contra el potencial de las generaciones futuras y de los ancianos, sino más bien como desarrollos sociales no planificados, originados en acciones individuales deliberadas.

¹ Doutorando do programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). E-mail: lucasalmeidasemeao@hotmail.com.

Palabras clave: Liberalismo; Progresismo; Relaciones generacionales; Anciano; Joven.

1. INTRODUÇÃO

As sociedades liberais vêm promovendo a sensação de atemporalidade, fenômeno evidenciado por intelectuais renomados, como Alexis de Tocqueville, C. S. Lewis, Michel Maffesoli, Nicole Aubert, Zygmunt Bauman, Anthony Daniels (Theodore Dalrymple) e Patrick J. Deneen. Essa sensação experienciada mais intensamente nas sociedades liberais de viés progressista vem, aparentemente, modificando não apenas as relações geracionais entre crianças, jovens e adultos ainda vivos, mas também entre aqueles que estão vivos, aqueles que estão mortos, e aqueles que estão por nascer.

Na primeira parte deste trabalho será apresentada uma discussão acerca da sensação de atemporalidade nas sociedades liberais, mediante livros dos autores supracitados. Na segunda, exibir-se-á a metodologia usada para tentar verificar se essa sensação de atemporalidade vem, de fato, afetando as relações geracionais. Na última parte do artigo, onde se evidencia sua originalidade, o objetivo principal é defender a tese de que o antinatalismo, os movimentos pela descriminalização do aborto, o desenvolvimento de certos ramos da genética humana e as demandas mais recentes do movimento *childfree* podem ser vistos, em partes, como sintomas dessa sensação de descontinuidade temporal e geracional. Por outro lado, também será mostrado como a rejeição *a priori* do conhecimento empírico vem afetando a relação entre jovens e idosos.

O *corpus* documental utilizado é heterogêneo, sendo composto por livros dos mais diversos campos das ciências sociais, artigos, materiais jornalísticos e de vídeo, que possam comprovar a relação entre a experiência de atemporalidade e a desconexão geracional experienciada nas sociedades liberais. Por fim, na conclusão, será feito um balanço dos resultados obtidos e alguns breves comentários adicionais.

2. LIBERALISMO E A EXPERIÊNCIA DO TEMPO FRATURADO

Nas sociedades ocidentais antigas e medievais, os aristotélicos e escolásticos acreditavam que os homens faziam parte de uma ordem natural, universal e atemporal que conduzia a experiência do homem na vida terrena. A natureza humana seria apenas um prolongamento das leis naturais e acreditava-se que o homem possuía um *telos*, um objetivo fixo, dado pela natureza e imutável (DENEEN, 2020, p. 61). Cabia a cada um se ajustar às leis supraindividuais da ordem

natural ou divina, o que promovia uma relação passiva em relação ao meio. Havia a noção de livre arbítrio, mas os principais pensadores dessa época, como Aristóteles e São Tomás de Aquino, acreditavam que se alguém agisse livremente contra a natureza, o resultado seria desfavorável individual e coletivamente dada a condição de imutabilidade da natureza humana e seu estado de prolongamento da ordem natural. Além disso, eles foram defensores e difusores da veracidade da relação causal e da ética proveniente da metafísica. Ambos prescreveram formas de melhorar a experiência de vida humana a partir de uma adequação do comportamento às leis naturais (ARISTÓTELES, 2018) ou divinas. (AQUINO, 2018). Essa adequação seria possível por meio da prática das virtudes.

No moderno ocidente, todavia, essas noções consideradas basilares e sólidas até o fim do Antigo Regime, se desmancharam no ar. Ao menos desde a Renascença, no século XV, dos primeiros avanços científicos e tecnológicos mais sofisticados, o homem começou a imaginar a possibilidade de transformar, se sobrepor e conquistar a natureza, por intermédio do método científico. Ladeado às reformas sociais promovidas no século seguinte pela ética protestante, ocorreu um lento e descontínuo processo, mas irreversível, de racionalização comportamental da civilização ocidental (WEBER, 2016). A ação social racional, aquela em que o agente “orienta sua ação pelos fins, meios e consequências secundárias, *ponderando* racionalmente tanto os meios em relação às consequências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si” (WEBER, 2012, p. 16), se difere do comportamento social tradicional comum, característico do Antigo Regime, descrito, resumidamente, pelo sociólogo Max Weber (1864-1920) como uma “reação surda a estímulos habituais, que decorre na direção da atitude arraigada” (WEBER, 2012, p. 15).

O “despertar da razão” no mundo ocidental gerou, consequentemente, novas proposições no campo da ética, promovendo um comportamentalismo mais ativo do indivíduo em relação ao meio. Patrick J. Deneen chamou esse processo inicial de formação ética baseada na razão de “primeira onda liberal”, representada hoje, de acordo com ele, pelos conservadores:

O pensador protoliberal que inaugurou a primeira onda de transformação liberal foi Francis Bacon. Assim como Hobbes (que foi secretário de Bacon), ele atacou a antiga compreensão aristotélica e tomista da natureza e da lei natural e defendeu a capacidade humana de “dominar” ou “controlar” a natureza – chegando a reverter os efeitos da Queda humana, incluindo até mesmo a possibilidade de superar a mortalidade humana (DENEEN, 2020, p. 62-63).

A segunda onda do liberalismo, que seria representada hoje, segundo o autor, pelos progressistas, teria promovido mais uma mudança abrupta: a relativização da noção de natureza humana. Continua Patrick J. Deneen:

A segunda onda dessa revolução tem início com crítica explícita a essa visão de humanidade. Pensadores que vão de Rousseau a Marx, de Mill a Dewey, e de Richard Rorty aos contemporâneos “transhumanistas” rejeitam a ideia de que a natureza humana seja fixa. Eles adotam a ideia dos teóricos da primeira onda de que a natureza está sujeita à conquista humana e a aplicam à própria natureza humana (2020, p. 63).²

Esse aperfeiçoamento da capacidade de sanar necessidades cada vez mais rápido, por meio da ciência e da tecnologia, teria provocado um efeito não planejado: a alteração da percepção temporal e da relação individual do sujeito com o passado, o presente e o futuro. As representações simplificadas do tempo também foram modificadas: nas sociedades ocidentais medievais e do antigo regime o tempo era projetado no formato circular, uma característica das nações ou comunidades tradicionalistas, que rememoram ciclicamente os feitos do passado. Em contrapartida, as sociedades modernas, a partir do século XVIII, adotaram o modelo espiralado ou o linear e, posteriormente,³ na pós-modernidade, o “pontilhista”, como chamou o sociólogo Michel Maffesoli (2000, p. 16), ou “pontuado”, um sinônimo usado pela psicóloga Nicole Aubert (2003, p. 187 e 193). O filósofo Zygmunt Bauman também notou essa caracterização do tempo, que seria:

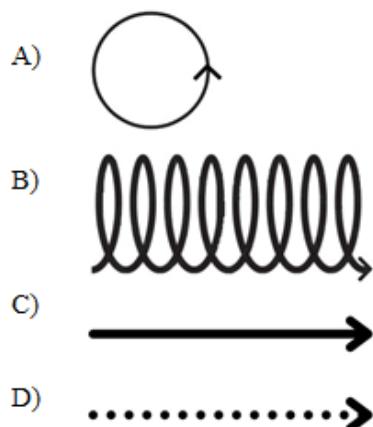
[...] marcado tanto (se não mais) pela profusão de rupturas e descontinuidades (grifo do autor), por intervalos que separam pontos sucessivos e rompem os vínculos entre eles, quanto pelo conteúdo específico desses pontos. O tempo pontilhista é mais proeminente por sua inconsistência e falta de coesão do que por seus elementos de continuidade e constância. [...] O tempo pontilhista é fragmentado, ou mesmo pulverizado, numa multiplicidade de “instantes eternos” – eventos, incidentes, acidentes, aventuras, episódios –, mônadas contidas em si mesmas, parcelas distintas, cada qual reduzida a um ponto cada vez mais próximo de seu ideal geométrico de não-dimensionalidade (BAUMAN, 2008, p. 46).

A seguir, apresenta-se uma representação dos quatro modelos, em que A seria as sociedades tradicionalistas, que proporcionam uma sensação de conexão temporal e geracional muito alta; B seria as conservadoras, nas quais a sensação de conexão temporal e geracional também é alta; C corresponderia às sociedades progressistas do século XIX, nas quais seus cidadãos possuíam uma sensação moderada de conexão temporal; e D representaria as sociedades progressistas pós-modernas, que proporcionariam uma sensação psicológica de atemporalidade:

Imagen 1 – Modelos sociais baseados em projeções temporais simplificadas

² Clive Staples Lewis chamou este processo de “A abolição do Homem”. (LEWIS, 2017).

³ O movimento de maio de 68 consolida a inauguração, a nosso ver, dessa nova projeção metafórica do tempo.



Fonte: Elaboração própria.

A capacidade de sanar necessidades cada vez mais rápido, por meio da ciência e da tecnologia, com ajuda do sistema capitalista, aparentemente produziu, ainda, outro efeito colateral: acostumou a todos a buscarem frequentemente o sacimento imediato das necessidades, produzindo uma “cultura da urgência” (AUBERT, 2003), uma “hipercultura” “agorista” e “apressada” (BERTMAN, 2016), de indivíduos efêmeros, o que frequentemente acabaria desestimulando a busca dos benefícios que somente podem ser adquiridos mediante esforço prolongado (BAUMAN, 2008, p. 44-45).

As sociedades liberais promoveriam a sensação não apenas teleológica de progresso, mas também a de que podemos viver em um eterno tempo presente, desvinculando-se do passado, visto por muitos como obscurantista, e do futuro, um espaço de imprevisibilidade. Curiosamente, esse presenteísmo e futurismo filosóficos se relacionariam sem contradições. Patrick J. Deneen oferece uma explicação desta compatibilidade:

O desenvolvimento do progressismo dentro do liberalismo é apenas uma versão mais avançada desse imediatismo generalizado, uma espécie de atemporalidade convertida em arma. Assim como o liberalismo clássico, o progressismo se baseia em uma profunda hostilidade ao passado, particularmente à tradição e aos costumes. Embora seja amplamente visto como voltado para o futuro, ele (o progressismo) na verdade se apoia em presunções simultâneas de que as soluções contemporâneas devem ser libertadas de respostas do passado. O futuro é um país desconhecido, e aqueles que vivem em um presente que traz arraigado em si uma hostilidade pelo passado, devem adquirir uma indiferença em relação a um futuro que não pode ser conhecido, mantendo nele apenas uma fé simples (DENEEN, 2020 p. 105).

Desta forma, a experiência linear do tempo nas sociedades liberais contemporâneas, em especial as progressistas pós-modernas, seria fraturada. Alexis de Tocqueville também percebeu esse fenômeno, característico das democracias igualitaristas e antitradicionalistas, já no século

XIX, ao analisar o individualismo nos países democráticos. Diferentemente das sociedades aristocráticas, aduz Tocqueville, nas eras democráticas:

As pessoas esquecem facilmente os que precederam, e não têm a menor ideia dos que sucederão. Apenas os mais próximos interessam. Como cada classe se aproxima das outras e se mistura com elas, seus membros se tornam indiferentes e como que estranhos uns aos outros. A aristocracia fizera de todos os cidadãos uma longa cadeia que ia do campônio ao rei; a democracia rompe a cadeia e põe cada elo à parte (TOCQUEVILLE, 2004, p. 120-121).

Esse egoísmo,⁴ um efeito colateral das sociedades liberais democráticas, geraria uma ética que facilitaria a vazão dos desejos efêmeros e casuais, desencorajando o sacrifício a longo prazo, orientado pelas virtudes clássicas, anteriormente vistas como uma forma de obter a liberdade por meio do autocontrole (TOCQUEVILLE, 2004 p. 183-184).

Isso vem gerando, desde o século XIX, profundas modificações na forma como os saberes produzidos fora do tempo presente são concebidos. O ofício do historiador, por exemplo, se tornou muito mais uma política retrospectiva a partir de uma história denúncia, que destinado a nos livrar da ingenuidade de viver, nas palavras do sociólogo Michel Maffesoli, em um “instante eterno” (MAFFESOLI, 2003). O médico psiquiatra Anthony Daniels (Theodore Dalrymple) refletiu sobre o motivo de se preferir ver os desastres da História às suas realizações:

Se a história é, de fato, nada mais que o registro de extremas perversidades, então nada temos a aprender, exceto que nós, pessoas de indiscutível boa vontade, devemos fazer as coisas de forma diferente no futuro – fazer tudo diferente. As reflexões morais das pessoas do passado nada mais eram que um expediente para disfarçar a sua má conduta em grande escala – pura hipocrisia, na verdade. [...] Na ausência de qualquer concepção religiosa de pecado original (em comparação a uma concepção histórica de injustiça fundacional, tal como o genocídio tasmaniano), por meio da qual a imperfeitibilidade do homem pudesse ser aceita, mas sem absolvê-lo da necessidade de individualmente se esforçar para ser virtuoso, tanto uma perfeita consistência moral quanto um completo amoralismo se tornam o padrão de julgamento. [...] Seja o amoralismo ou o perfeccionismo a ser escolhido como padrão, isso gera uma grande vantagem: liberta-nos do peso do passado (DALRYMPLE, 2015, p. 29).

Na contemporaneidade, nomeada por muitos de “pós-modernidade” e por Bauman de “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), as heranças do egoísmo e do imediatismo foram

⁴ É preciso diferenciar o egoísmo do individualismo. Diz Tocqueville: “O individualismo é uma expressão recente que uma nova ideia fez surgir. Nossos pais só conhecem o egoísmo. O egoísmo é um amor apaixonado e exagerado, que leva o homem a referir tudo a si mesmo e a se preferir a tudo o mais. O individualismo é um sentimento refletido e tranquilo, que dispõe cada cidadão a se isolar da massa de seus semelhantes e a se retirar isoladamente com sua família e seus amigos; de tal modo que, depois de ter criado assim uma pequena sociedade para seu uso, abandona de bom grado a grande sociedade a si mesma. O egoísmo nasce de um instinto cego; o individualismo procede muito mais de um juízo errôneo do que de um sentimento depravado. Nasce tanto dos defeitos do espírito quanto dos vícios do coração. O egoísmo resseca o germe de todas as virtudes, o individualismo só esgota, a princípio, a fonte das virtudes públicas; mas, com o tempo, ataca e destrói todas as outras e termina se absorvendo no egoísmo. O egoísmo é um vício tão antigo quanto o mundo. Não pertence mais a uma forma de sociedade do que a outra. O individualismo é de origem democrática, e ameaça desenvolver-se à medida que as condições se igualam”. (TOCQUEVILLE, 2004, p. 119).

perpetuadas, mas agora os seres humanos possuem maior capacidade tecnológica, científica e médica de moldarem profundamente a natureza, seus próprios corpos e as potenciais gerações futuras. Pouco se fala das virtudes; o preconceito é *aprioristicamente* condenado e o relativismo normativo *ruim*⁵ vem se tornando a base da orientação moral e ética.

Portanto, as sociedades liberais, em especial as progressistas, teriam proporcionado a criação de um tipo de homem dependente dos seus próprios desejos imediatos, e ao mesmo tempo tirano, pelas externalidades negativas causadas pela falta de autocontrole, anteriormente freadas e contrabalanceadas pelo ensino das virtudes. As sociedades liberais libertaram os indivíduos da sensação do tempo contínuo, dos “contratos sociais históricos”, das memórias coletivas, da capacidade de fazer sacrifícios, promessas e honrar acordos prolongados, enxergando os diversos elementos das culturas tradicionais e locais, como empecilhos à obtenção da liberdade individual, que deveria somente ser limitada pelo sistema jurídico e de segurança do estado democrático de direito. Logo, as sociedades liberais vêm promovendo a sensação de atemporalidade, fenômeno evidenciado pelos intelectuais citados.

3. METODOLOGIA E MATERIAIS DE PESQUISA

O modo como a ética pode orientar as ações individuais foi amplamente explorado pelo sociólogo Max Weber e exemplificado no livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 2016). A partir dessa lente de compreensão, o objetivo não só da próxima parte do trabalho, mas do artigo, é falsear as afirmações dos autores teóricos citados anteriormente, através de evidências com graus de concretude distintos, que possam, juntamente, formando um *corpus* documental, se não provar a tese, mas ao menos denotar a existência de uma relação causal entre a sensação de tempo fraturado promovida pelas sociedades orientadas pela ética liberal, sobretudo de viés progressista, e formas específicas de modificação comportamentais entre gerações distintas.

Partindo dessa relação causal oferecida pela sociologia weberiana, será defendido, mais precisamente, através de fontes colhidas de livros dos mais diversos campos das ciências sociais, artigos, materiais jornalísticos e de vídeo, que o antinatalismo, os movimentos pela

⁵ Raymond Boudon explica a diferença entre o relativismo *ruim* e o *bom*: “O bom relativismo atraiu a atenção para o fato de as representações, as normas e os valores variarem segundo os meios sociais, as culturas e as épocas. O relativismo ruim concluiu disso que as representações, as normas e os valores são destituídos de fundamento: que são construções humanas inspiradas pelo meio, pelo espírito do tempo, por paixões, interesses ou instintos. Atribuir uma objetividade às representações, aos valores e às normas seria sempre uma ilusão”. (BOUDON, 2010, p. 7).

descriminalização do aborto, o desenvolvimento de certos ramos da genética humana e as demandas mais recentes do movimento *childfree* podem ser vistos, em partes, como consequências da sensação de descontinuidade temporal e geracional promovida pela ética liberal.

Esse fenômeno será entendido não como uma tentativa de dominação etária (dos jovens contra crianças e idosos) ou geracional (dos vivos contra os mortos e os que estão para nascer), mas como desdobramentos sociais não planejados individualmente (BOUDON, 1995, p. 27-63; HAYEK, 2013, p. 13; MISES, 2010, p. 57-99). Portanto, adotamos a metodologia de uma *sociologia compreensiva*, tal como sistematizada por Max Weber (WEBER, 2012), e buscaremos entender, através da lente de observação fornecida pelo estudo realizado na primeira parte do trabalho, o comportamento dos indivíduos ou grupos mencionados a seguir, em relação às crianças e idosos.

4. AS POTENCIAIS GERAÇÕES FUTURAS NAS SOCIEDADES LIBERAIS

Algumas vertentes do antinatalismo podem ser encaradas, em partes, como produtos de uma experiência de tempo fraturado, mas também como produtos da desnaturalização dos comportamentos, condições e fases humanas, promovida pela segunda onda do liberalismo. A indiferença em relação às outras gerações, incluindo a futura, o egoísmo, o hedonismo e o imediatismo, produtos da ética liberal progressista, pode promover o desinteresse pela procriação, cada vez mais vista na contemporaneidade como um empecilho às realizações individuais. Isso explica, parcialmente, mas não unicamente, a diminuição da taxa bruta de natalidade e fecundidade nas sociedades liberais nos últimos anos.

Diante das obrigações, responsabilidades e dificuldades de criar a prole, um número crescente de pessoas, sobretudo a partir dos anos 60, decidiu não ter filhos ou tê-los em menor quantidade. A revolução sexual, fomentada pelo movimento de contracultura, promoveu a utilização de diversos métodos contraceptivos, como o preservativo plástico, a pílula anticoncepcional e a “pílula do dia seguinte”, proporcionando aos indivíduos a possibilidade de se livrarem de futuros compromissos etários.

O liberalismo ético, portanto, alterou a forma como nos relacionamos com os indivíduos das potenciais gerações futuras, que passaram a ser vistos, não raramente, como um empecilho à felicidade pessoal dos já nascidos. Com o desenvolvimento da medicina, que possibilitou o surgimento de diversos métodos contraceptivos, as futuras gerações se tornaram “os pacientes ou objetos do poder exercido por aqueles que já estão vivos” (LEWIS, 2017, p. 56).

Algumas vertentes do ativismo pela descriminalização do aborto podem ser compreendidas pela mesma ótica. Através da defesa da ética liberal, que é capaz de alterar, se assim desejarmos ou permitirmos, nossa relação com o tempo, promovendo a sensação de atemporalidade, parte do ativismo pela descriminalização do aborto se tornou um movimento por maior liberdade individual e maior poder de controle sobre as potenciais gerações futuras.

Além disso, as duas ondas do liberalismo e o trauma com o discurso darwinista aplicado às ciências sociais, que virou política de Estado na Alemanha nazista, conduziram a uma crescente “desbiologização” do pensamento, sobretudo após a década de 60. Práticas que sempre foram consideradas naturais e inatas à natureza humana, comportamentos, escolhas ou fases da vida anteriormente tidas como inerentes à experiência humana, passaram a ser compreendidas na contemporaneidade como demasiado estranhas.

Ainda que todos os que já passaram pela terra tenham nascido de um ventre, dar à luz tem sido cada vez mais visto com estranheza nas sociedades liberais progressistas. Essa sensação pode ser compreendida com a leitura de um trecho do livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, que faz uma reflexão acerca do descobrimento sexual feminino:

Eis por que, muito mais ainda que os irmãos, a menina se preocupa com os mistérios sexuais. [...] E logo que ela principia a pressentir-lhe os segredos, o próprio corpo apresenta-se a ela odiosamente ameaçado. A magia da maternidade dissipou-se. [...] Ela interroga-se com angústia. Muitas vezes parece-lhe maravilhoso, mas horrível que um corpo parasita deva proliferar dentro de seu corpo; a ideia dessa monstruosa inchação apavora-a. E como sairá o bebê? Mesmo se ninguém lhe falou dos gritos e sofrimentos da maternidade, ela ouviu palavras e leu o trecho da Bíblia: "Conceberás na dor"; ela pressente torturas que não seria capaz de imaginar sequer; inventa estranhas operações na região do umbigo; supõe que o feto será expulso pelo ânus e isso não a tranquiliza muito mais. Viu-se meninas terem ataques de constipação neurótica quando pensaram haver descoberto o processo do nascimento. Explicações exatas não serão de grande valia: as imagens de inchaço, de ferimento, de hemorragia irão obsidiá-la. A menina será tanto mais sensível a essas visões quanto mais imaginação tiver; mas nenhuma poderá olhá-las de frente sem tremer. Colette conta que a mãe a encontrou desfalecida porque ela, Colette, lera em Zola a descrição de um nascimento (BEAUVOIR, 1967, p. 40).

Algumas vertentes do ativismo pela descriminalização do aborto podem ser vistas através dessa lente de compreensão. Evidentemente, muitos fatores, individuais e coletivos, podem levar ao desejo de não ter filhos, como as responsabilidades e expectativas sociais impositivas que são, aliás, desiguais entre os gêneros. Ladeado a isso, também é notável que entre os indivíduos mais hedonistas das sociedades liberais, as futuras gerações são recorrentemente enxergadas, desde a concepção, como inconvenientes ou indesejáveis à obtenção da felicidade pessoal. Isso vem despertando, aparentemente, o desejo de controlar quando, em que circunstâncias ou até mesmo

quem poderia, ou não, vir ao mundo, significando o possível aumento do poder das gerações precedentes sobre as posteriores.⁶

O apogeu desse controle geracional não é promovido por meio do antinatalismo, dos métodos contraceptivos ou do aborto, mas das experiências eugênicas, timidamente desenvolvidas em alguns laboratórios nos dias de hoje, depois dos traumas da era dos extremos:

A revelação das atrocidades nazistas desacreditou a eugenia científica e eticamente, e fez com que a palavra desaparecesse abruptamente do uso. No entanto, a eugenia não desapareceu, mas se refugiou em muitos casos sob o rótulo "genética humana". O laboratório de Cold Spring Harbor é dirigido hoje por um dos descobridores da estrutura de dupla hélice do DNA, o geneticista James Watson, que vem propagando ideias claramente eugênicas. Avanços científicos vêm sendo direcionados à identificação de "indesejáveis", como a utilização de exames que detectam doenças genéticas por companhias de seguro e planos de saúde e o uso de bancos de DNA no controle de imigração (GUERRA, 2006, p. 5).

Por fim, o surgimento da *National Organization for Non-Parents*, em 1972, nos EUA e a expansão do movimento *childfree* são exemplos interessantes que evidenciam como a sensação de fratura temporal modificou as relações etárias nas sociedades liberais, fratura essa intensificada, sobretudo, a partir do surgimento do movimento de contracultura.

Inicialmente, o movimento *childfree* era composto por indivíduos que escolhiam não ter filhos. Todavia, uma de suas bandeiras mais recentes é a luta pela liberdade dos adultos de frequentarem espaços de sociabilidade proibidos para crianças. Não apenas a rejeição reprodutiva, mas o incômodo na presença de crianças vem sendo cada vez mais comum nas sociedades libero-progressistas (BLACKSTONE, 2019).

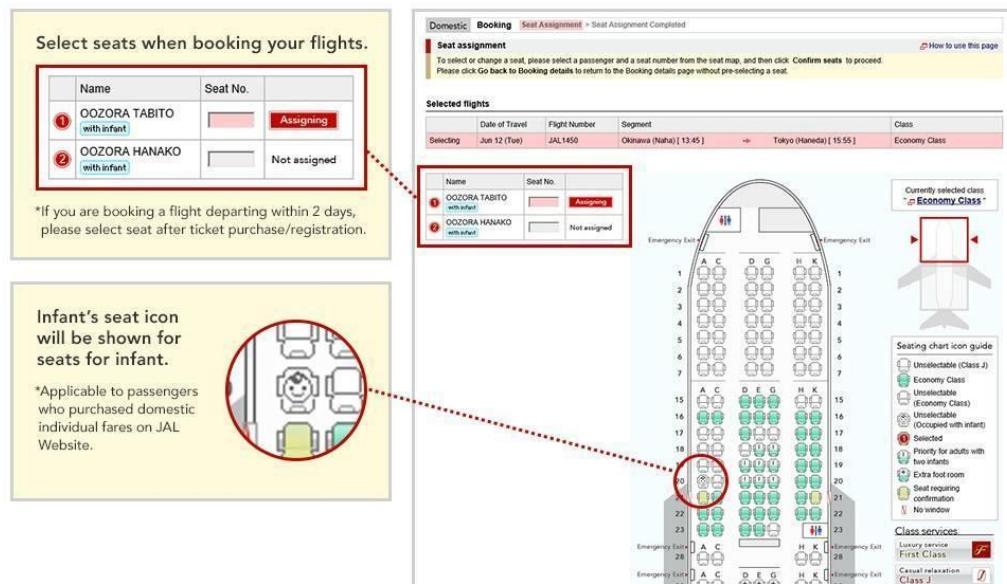
A empresa “*Japan Airlines*”, por exemplo, avisa antecipadamente seus clientes sobre a presença de crianças entre 8 dias e 2 anos em determinados assentos do avião nas compras de passagens pelo site, no intuito de amenizar a situação estressante que as crianças podem, eventualmente, causar aos passageiros adultos (GAZETA DO POVO, 2019).

Imagen 2 – Sinalização dos assentos ocupados por crianças

⁶ Sobre isso, diz C. S. Lewis: “[...] quanto mais tarde vem uma geração final – quanto mais próxima ela vive daquela época em que as espécies serão extintas - menos poder ela terá de avanço, porque os seus objetos [de manipulação] estarão reduzidos. Por isso, não há dúvida de que há um poder investido na raça como um todo que estará em constante crescimento, enquanto a raça sobreviver. Mas os últimos homens, longe de serem os herdeiros do poder, serão todos homens sujeitos ao extremo, à mão morta dos grandes planejadores e manipuladores e eles mesmos exercerão menos poder sobre o futuro” (2017 p. 58.).

About seat selection

Seat selection is available up to 15 minutes prior to the scheduled departure time of your flight.



Fonte: Elaboração por Companhia, 2019.

Alguns hotéis têm seguido a mesma tendência, e comunidades ou páginas em redes sociais, as quais contam com milhares de seguidores, reúnem adeptos e simpatizantes de movimentos com essas mesmas características.

Através da lente de observação que está sendo usada neste artigo, os adeptos do *childfree* podem ser compreendidos, portanto, como indivíduos imersos na experiência do tempo fraturado, destituídos da sensação de compatibilidade geracional. Cabe, a seguir, mostrar como essa sensação tem interferido nas relações entre jovens e idosos.

5. AS GERAÇÕES MAIS VELHAS NAS SOCIEDADES LIBERAIS

Em muitas culturas tradicionais, como a católica ou algumas indígenas, a velhice é relativamente bem-vista (BEAUVOIR, 2018, p. 43-225), pois a necessidade do conhecimento empírico é fundamental em sociedades de baixa expectativa de vida, fazendo com que o idoso seja visto como um sábio que, por meio da sua sapiência, conquistou a longevidade. No entanto, os avanços médicos contemporâneos proporcionaram a diminuição da mortalidade e o aumento da longevidade, fazendo com que a oferta de conhecimento empírico se tornasse maior que tempos anteriores.

Além disso, o conhecimento proveniente do método científico se tornou o tipo de conhecimento com maior nível de confiabilidade, dado o aumento da qualidade de vida por ele proporcionado. O conhecimento empírico, deste modo, perdeu utilidade social nas sociedades libero-progressistas e o tipo social do velho sábio não proporciona mais tanta simpatia como já proporcionou. Esse personagem, muito comum na literatura de diversas culturas, praticamente desapareceu: os jovens heróis trágicos da contemporaneidade não precisam, aparentemente, dos seus conselhos.

Os velhos sábios são formados na “universidade da vida” e não possuem tempo para filosofar ou fazer ciência, pois, para isso, precisariam do ócio, tão fundamental para a atividade científica e filósofos. Em vez disso, suas conclusões partem, sobretudo, não da reflexão filosófica, nem do método científico, mas principalmente do acúmulo de experiências, individual, coletiva, e a dos mortos, através da tradição. Certamente, a velhice não era vista totalmente como desvantajosa nessas sociedades.

É nítido, em contrapartida, o processo de jovialização da cultura ocidental a partir da década de 60 do século XX, sobretudo com o advento do rock n’ roll. Por meio da música, o jovem consolidou sua hegemonia estética e comportamental. A ética liberal vem promovendo a jovialização da cultura de uma forma tão intensa, que até mesmo as demarcações culturais etárias estão sendo manifestadas cada vez mais cedo: em junho de 2021, a chamada geração *millennial* descobriu que estava sendo acusada de ser *cringe* pela geração Z, uma gíria para designar algo constrangedor ou vergonhoso (ISTO É, 2021).⁷

Em alguns círculos menores, a expressão “jovialização” da cultura se tornaria até mesmo imprecisa: recentemente veio a público a notícia de que algumas pessoas adultas, organizadas em comunidades, se vestem e fingem se comportarem como crianças, o que vem sendo chamado de “regressão infantil”. Alguns empreendedores, é claro, se aproveitaram do surgimento desse novo mercado consumidor: uma loja norte-americana chamada *Tykables* vende roupas, acessórios, fraldas e outros artigos comumente associados às crianças, para adultos. A empresa tem filiais no Canadá, Reino Unido e Austrália. No Brasil, a primeira loja de “conforto sensorial e regressão de idade” é a *Crayon heart*. Os críticos, em contrapartida, estão sendo acusados de serem preconceituosos.

⁷ As demarcações são imprecisas e divergentes, mas pode-se dizer que os *millenials* são as pessoas que nasceram entre o final dos anos 1980 e o fim dos anos 1990. Já os indivíduos da geração Z nasceram entre o fim dos anos 1990 e 2010.

Aliás, é comum entre a mocidade dizer que os idosos são preconceituosos, como se fosse útil, ou ao menos possível, viver sem preconceitos, fazendo tábula rasa durante a experiência vivida. Existem dois tipos de preconceito, a saber: o *empírico* e o *racionalista*. O preconceito empírico é um tipo de conhecimento não científico, de caráter generalista, surgido como consequência das necessidades humanas durante a experiência no tempo, a partir de um processo de tentativa e erro, resultando na formação das tradições. Em suma, é um tipo de preconceito *inevitável e necessário*.

O preconceito racionalista, em contrapartida, também de caráter generalista, é o preconceito contra o senso comum, propagado, normalmente, pelos sujeitos excêntricos das sociedades liberais (MILL, 2017, p. 156),⁸ psicologicamente desconectados no sentido geracional, e orientados por mestres também excêntricos (JOHNSON, 2009). Raymond Boudon denominou parte deles de *mestres da superstição* e citou três intelectuais como exemplo: Karl Marx (1818-1883), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Sigmund Freud (1856-1939) (BOUDON 2005, p. 40-41):

Em resultado destas convergências, as ciências humanas acabaram por ser consideradas por muitos dos seus representantes como obedecendo a um objetivo principal: descobrir e denunciar as divagações do senso comum. Os mestres da suspeição passaram então a dominar, em larga medida, a vida intelectual e em particular vastos sectores das ciências humanas, excluindo ou marginalizando os intelectuais próximos da tradição liberal (BOUDON, 2005, p. 39-40).⁹

Os intelectuais aos quais Boudon se refere ensinam aos seus alunos que é bom não ter preconceitos, porque todos eles são, *a priori*, perversos, pois seriam uma ideologia ou um tipo de discurso criado, sustentado e difundido por grupos dominantes. Ensina que é possível viver sem preconceitos, porque eles não seriam inatos, assim como nenhum outro valor, destituindo-os de inteligibilidade.

Para acabar com o preconceito, esses mestres ensinam que o primeiro passo para a mudança social vem da transformação interna: seria necessário abdicar de todas as concepções previamente formuladas, que não foram confirmadas ao menos pela razão ou pela ciência, e

⁸ Escreve Mill sobre os indivíduos excêntricos e a excentricidade: “A excentricidade sempre foi abundante quando e onde abundou a força do caráter; e a medida de excentricidade na sociedade tem geralmente sido proporcional à medida da genialidade, vigor mental e coragem moral que nela se contém. Que tão poucos ou sem atualmente ser excêntricos marca o maior dos perigos do presente” (MILL, 2017, p. 156).

⁹ A tradição liberal que Boudon cita é a que descende do iluminismo inglês. Continua mais à frente: “Uma consequência da implantação destes modelos explicativos merece ainda destaque: eles exaltam o papel do intelectual, único capaz de escapar ao muro da caverna e denunciar as ilusões do senso comum”. [...] “No entanto, o postulado segundo o qual a condição de intelectual autorizaria a ver no senso comum um pensamento falso que o intelectual teria vocação para corrigir continua em grande voga. Não só porque é lisonjeiro (para o intelectual, que não para o público em geral), mas também porque representa a pedra angular das filosofias da suspeição”. (BOUDON, 2005 p. 42). Os discípulos desses intelectuais europeus se espalharam pelo além-mar e chegaram aos Novos Mundos. (BOUDON, 2005, p. 49; ARANTES, 1994).

abandonar qualquer fundamento moral. Em seguida, o próximo passo seria “desconstruir” todo tipo de preconceito na sociedade, uma tarefa reconhecidamente árdua, vista por esses intelectuais como uma cruzada secular do bem contra o mau.

Ora, por meio desse esquema argumentativo, não seria introduzida uma dissonância cognitiva, mediante um relativismo normativo *ruim*, proporcionando a experiência do tempo fraturado que mencionei na primeira parte deste artigo?¹⁰ Alguns efeitos colaterais individuais dessa pedagogia foram discutidos pelo psiquiatra inglês Theodore Dalrymple (DALRYMPLE, 2015). Entretanto, o que chama a atenção também são os efeitos colaterais coletivos não calculados. Raymond Boudon alertou sobre eles:

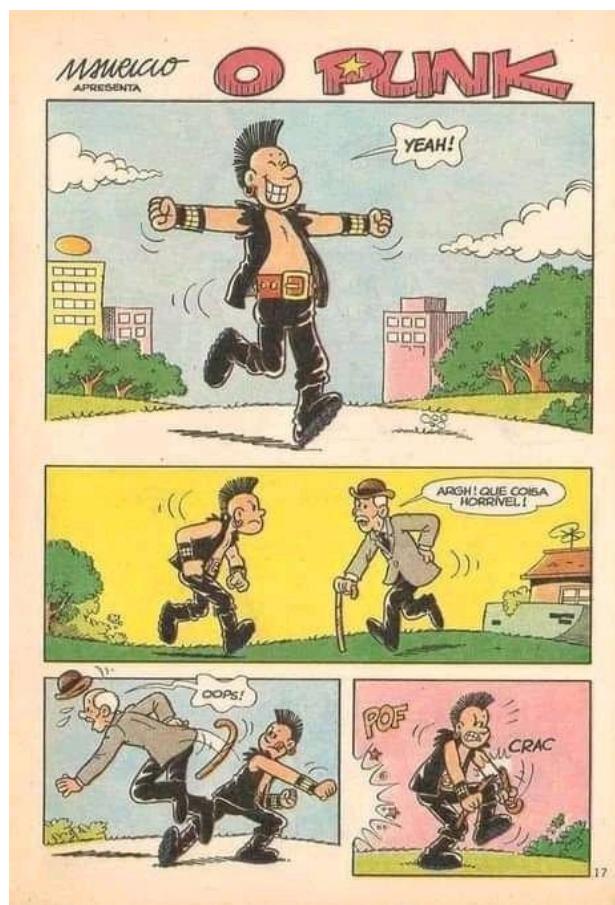
O perigo para a democracia provém também do facto de as ideias úteis e falsas exercerem uma influência indireta sobre os políticos e outros «decisores» que, passando por cima das mensagens que o senso comum lhes dita, tendem a confundir a opinião dos intelectuais, da comunicação social e das minorias ativas com a opinião pública. [...] Não se trata, evidentemente, de defender que o senso comum tem sempre razão. A opinião de um a determinada parte do público pode ser enviesada pelo interesse individual, pelos interesses categoriais e por múltiplos outros fatores. O senso comum não está, evidentemente, vacinado contra os mecanismos cognitivos responsáveis pela implantação das ideias frágeis ou falsas que eu aqui procuro ilustrar com diversos exemplos. Mas o que não se pode aceitar é uma desconfiança de princípio contra o senso comum. Além de tal desconfiança não ter fundamento, de não haver nenhuma razão para supor que a consciência seja falsa por princípio, ela conduz inevitavelmente a que se ponha em causa a democracia (BOUDON, 2005 p. 97-98).

A ambição de viver sem qualquer preconceito, além de ser impossível e inútil, gera, necessariamente, o preconceito racionalista, um *a priorismo* que desqualifica o conhecimento advindo da experiência, um dos poucos atributos positivos que, antes do enraizamento do progressismo na cultura ocidental, o idoso possuía. Como será evidenciado a seguir, o preconceito contra o senso comum e o conhecimento empírico, que tira a utilidade social do idoso como conselheiro sábio e experiente, consequência da experiência do tempo fraturado das sociedades liberais, vem promovendo efeitos sociais imprevistos, pois a desvalorização da experiência, paralelo à valorização razão, pode levar a uma exclusão, a princípio, intelectual e, posteriormente, social, dos idosos. A seguir, serão mencionados quatro exemplos, para tentar comprovar essa tese.

Leia o quadrinho a seguir, que estava circulando nas redes sociais, intitulado “O *punk*”:

¹⁰ O que poderia causar efeitos imprevisíveis se introduzido durante a formação psicológica do indivíduo.

Imagen 3 – História em quadrinhos sobre o conflito entre um jovem e um idoso



Fonte: Elaboração por Pretao Opiniões, 2021.

A primeira imagem exibe um jovem *punk* passeando de braços abertos em uma cidade arborizada, em um dia ensolarado, azulado e com nuvens, o que passa a sensação de vitalidade. A segunda imagem tem um tom oposto: o jovem, em uma região aparentemente mais humilde e afastada dos centros urbanos, em um plano de fundo amarelo com o céu limpo, avista um idoso, representado de traje formal, com dor nas costas e usando uma bengala. O velho, então, faz um comentário que desagrada o jovem e este, de punhos serrados, se prepara para atacá-lo. Na terceira imagem, em um plano de fundo novamente azulado como no primeiro quadro, o *punk* faz o idoso tropeçar e se espatifar no chão. Na quarta e última imagem, em um plano de fundo rosado, o jovem agarra a bengala, tida como símbolo social da velhice, e parte-a ao meio com o joelho. A história é um manifesto político que representou o jovem como um herói moderno, e o velho como um vilão retrógrado, que no final foi derrotado e seu símbolo de poder, destruído.

Durante a pandemia de COVID-19, aliás, o etarismo teria se tornado mais explícito, segundo especialistas. De acordo com um artigo publicado na Revista de Saúde Pública da USP em 2021, que fez uma revisão sistemática de alguns trabalhos que relacionam a pandemia de COVID-19 com o aumento do etarismo, foi concluído que “a maioria das publicações indicam que o ageísmo sempre esteve presente, mas tornou-se mais evidente durante a pandemia da covid-19 como forma de discriminação contra idosos” (SILVA, M. F. *et al.*; 2021, p. 1). Os especialistas ressaltam que “discursos ‘ageistas’ podem influenciar negativamente na vida dos idosos e causar impactos sociais e psicológicos prejudiciais” (SILVA, M. F. *et al.*; 2021, p. 1).

Evidentemente, esse aumento do etarismo não foi atribuído aos efeitos colaterais da ética liberal-progressista pelos especialistas supracitados, mas, de acordo com as três evidências a seguir, é possível constatar indícios de que os conflitos geracionais foram intensificados, em alguma medida que não se consegue precisar, durante a pandemia,¹¹ em decorrência da politização generalizada das discussões acerca da prevenção ou tratamento da COVID-19. Em agosto de 2020, após defender o uso da hidroxicloroquina no tratamento para a SARS-CoV-2 nas redes sociais, a cantora de *pop music* Madonna, aos 62 anos, sofreu retaliações e ofensas etaristas de críticos, entre eles fãs. O caso foi noticiado pela imprensa (SANTIAGO, 2020).

Quatro meses depois, em dezembro de 2020, veio a público um dos melhores exemplos de etarismo, por meio do preconceito racionalista. Uma docente do quarto ano de uma escola pública da zona leste de Caxias do Sul, município do estado do Rio Grande do Sul, que teve seus áudios e conversas particulares das redes sociais expostas, proferiu as seguintes palavras, com tonalidade de indignação, frente à derrota do seu candidato nas eleições municipais do Brasil de 2020:

Da direita, quanto mais morrerem de Covid-19, de tudo, Aids, câncer fulminante, pra mim, melhor é. Já que a gente não pode fuzilar, então que vão na praça fazer bandeiraço (sic) e, se Deus quiser, morram tudo de Covid. Adultos, mulheres, idosos e crianças, não vale um, não se salva um. Quando começou o Covid eu pensei: lindo, maravilhoso, vai morrer um monte de velhos. Velhos são machistas, racistas, reacionários, conservadores e o PT vai se reeleger. Eu acho ótimo porque eu não tenho nenhuma afimidade com velho, não tenho saco pra gente velha. A partir do momento em que você não consegue se atualizar para viver nesse mundo, de fato você é um peso na terra e deveria estar morto. Sempre são uns caras moralistas, conservadores, escrotos. Então vai ser bom, vai agilizar, porque eu estou achando que poucos estão morrendo. Não conseguimos nos eleger nas capitais ainda. Tem que morrer mais. Uma hora vai morrer o suficiente pra gente ganhar. Tem que morrer (GAZETA DO POVO, 2020).

¹¹ Que até o momento que escrevo essas linhas, não chegou ao final.

Por fim, no mês seguinte, em janeiro de 2021, a produtora de vídeos de comédia “Porta dos Fundos” divulgou um trabalho por meio do qual também é possível relacionar o contexto da pandemia de COVID-19 com um maior escancaramento do etarismo, a partir do preconceito racionalista. O vídeo, ambientado por quatro personagens, o filho (Fernando), a mãe (Dona Isabela, de 57 anos), que não aparece, e duas colegas de trabalho do filho, retrata uma situação que tem como plano de fundo uma reunião de *home office* (PORCHAT, Fabio *et al.*; 2020).

Em sete segundos de reunião, a mãe interrompe as saudações de abertura do filho e faz um comentário banal. Ele se constrange e diz: “eu estou trabalhando aqui, mamãe. Tome o celular aqui. [...] Vai brincar com ele, tá? Brinca com ele bonitinho, que eu vou trabalhar aqui um segundinho, tá?”. Uma das participantes da reunião intervém, preocupada por Fernando deixar sua mãe usar o celular sozinha. A outra colega de trabalho também questiona a falta de supervisão. O filho, então, diz não haver necessidade disso, pois sua mãe tem 57 anos. Todavia, ele é interrompido novamente: uma das personagens diz ser exatamente nessa idade que o uso do celular sem supervisão não seria recomendado, já que a mãe poderia receber *fake news* pelas redes sociais.

Em seguida, quando Fernando, mais uma vez, foi defender sua mãe das preocupações excessivas das colegas de trabalho, ele a presencia tomando Cloroquina e a repreende. Ela retruca, com voz trêmula: “mas está todo mundo tomando!”, e o filho diz: “mas você não é todo mundo!”.¹² O vídeo, intitulado “Responsável”, sofreu críticas até mesmo de fãs, especialmente pela forma infantil com que a mulher de 57 anos foi tratada e retratada no vídeo.

O historiador Valério Arcary notou essa desconsideração com os idosos nos círculos mais à esquerda do pensamento político:

Na esquerda a idealização dos velhos militantes é uma atitude simpática, mas não é honesta. Ser um veterano não faz de ninguém um sábio. A esquerda não deve ser liderada por uma gerontocracia. [...] Mas, desconsiderar a valiosa experiência acumulada e deslocar os mais velhos é uma miopia política. [...] A ideia de que os problemas do tempo presente são sempre desafios, inteiramente, novos é uma forma obtusa e imediatista de pensar. [...] Dramatizar o envelhecimento é um desastre, mas romantizá-lo, não é um bom critério. A velhice fragiliza, em graus variados, os indivíduos. Quem deixa de ser escutado acaba por desistir de compartilhar (ARCARY, 2021).

6. CONCLUSÃO

A partir das evidências apresentadas é possível concluir que a sensação de atemporalidade, característica das sociedades orientadas pela ética liberal descrita pelos autores trabalhados na

¹² As falas dos personagens foram transcritas para a língua culta.

primeira parte do artigo, de fato vem afetando as relações geracionais. O antinatalismo, os movimentos pela descriminalização do aborto, o desenvolvimento de certos ramos da genética humana e as demandas mais recentes do movimento *childfree* podem ser vistos em partes, portanto, como sintomas desse fenômeno. Por outro lado, a rejeição *a priori* do conhecimento empírico vem afetando em algum grau, as relações entre jovens e idosos, como pôde ser visto na terceira parte do artigo. Esse fenômeno comportamental ocorrido nas sociedades liberais, sobretudo progressistas, deve ser entendido, no entanto, como consequências sociais imprevistas individualmente.

Para reverter parte dessa desconexão geracional e, consequentemente, reduzir a difusão do preconceito geracional, alguns especialistas aconselham promover atividades que possibilitem a integração entre indivíduos de idades distintas¹³. A compreensão da importância das experiências acumuladas pelos indivíduos ao longo da história, que formaram o senso comum e as tradições, devem ser vistas mais como um conhecimento construído espontaneamente em um processo de tentativa e erro, de baixo para cima, a partir das necessidades cotidianas, do que simplesmente uma imposição conspiratória sociocultural de grupos dominantes.

Não se trata de consagrar o argumento do local de fala como irrefutável e, por meio dele, tentar sempre ter razão, impedir a manifestação livre de ideias e defender uma gerontocracia. Isso seria um engano e uma desonestade intelectual. Todavia, saber separar o preconceito inevitável e necessário, do preconceito perverso e muitas vezes letal, é um exercício e um desafio fundamental para amenizar os drásticos distanciamentos geracionais da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, S. T. de. 2018. *Suma teológica*. Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 5 vols.
- ARANTES, P. E. 1994. *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra.
- ARCARY, V. 2021. *Militância e envelhecimento*. Revista Fórum, 24 jan. (caderno Opinião). Disponível em:
<https://revistaforum.com.br/rede/militancia-e-envelhecimento-por-valerio-arcary/>. Consultado em 29/07/2021.
- ARISTÓTELES. 2018. *Ética a Nicômaco*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 4a edição, São Paulo: Édipro.

¹³ José Carlos Ferrigno, por exemplo, evidencia a importância do cultivo e da transmissão da memória, defendendo o lazer e a troca de experiências como estratégias para reduzir a segregação entre pessoas de idades bastante distintas (FERRIGNO, 2010).

- AUBERT, N. 2003. *Lé culte de l'urgence: la société malade du temps*. Paris: Flammarion.
- BAUMAN, Z. 2001. *Modernidade líquida*. Tradução Plinio Dentzien - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAUMAN, Z. 2008. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- BEAUVOUR, S. de. 1967. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2a edição, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, v. 2.
- BEAUVOUR, S. de. 2018. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2a edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BERTMAN, S. 1998. *Hipercultura: o preço da pressa*. Tradução Ana André. Lisboa: Instituto Piaget.
- BLACKSTONE, A. 2019. *Childfree by choice: the movement redefining family and creating a new age of independence*. New York: Dutton Books.
- BOUDON, R. 1995. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- BOUDON, R. 2005. *Os intelectuais e o liberalismo*. Tradução de Francisco Agarez. Lisboa: Gradiva.
- BOUDON, R. 2010. *O relativismo*. São Paulo: Edições Loyola.
- DALRYMPLE, T. 2015. *Em defesa do preconceito*. Tradução de Maurício G. Righi. São Paulo: É Realizações.
- DENEEN, P. J. 2020. *Por que o liberalismo fracassou?* Tradução de Rogerio W. Galindo. Belo Horizonte: Âyiné.
- FERRIGNO, J. C. 2010. *Coeducação entre gerações*. 2a edição, São Paulo: Edições SESC SP.
- GAZETA DO POVO. 2019. Companhia aérea indica onde crianças vão sentar para passageiros fugirem de choro em voo, 01 out. (caderno Turismo). Disponível em:
<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/turismo/aqui-nao-entra-crianca-conheca-5-hoteis-brasileiros-exclusivos-para-adultos/>. Consultado em 29/07/2021.
- GAZETA DO POVO. 2020. Da direita, quanto mais morreram de covid, melhor, diz professora de escola pública. (2020), 10 dez. (caderno Educação). Disponível em:
<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/da-direita-quantos-mais-morrerem-de-covid-melhor-diz-professora-de-escola-publica/>. Consultado em 29/07/2021.
- GUERRA, A. 2006. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 4-5.
- HAYEK, F. A. 2013. *Individualismo: el verdadero y el falso*. Madrid: Union Editorial S.A.
- ISTO É. 2021. O que é cringe? Entenda a expressão que viralizou na internet, 23 jun. (caderno Giro). Disponível em:
<https://www.istoeedinheiro.com.br/o-que-significa-cringe-entenda-a-expressao-que-viralizou-na-internet/>. Consultado em 29/07/2021.
- JOHNSON, P. 2009. *Intelectuais*. Lisboa: Editora Guerra e Paz.

LEWIS, C. S. 2017. *A abolição do homem*. Traduzido por Gabriele Geggelsen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

MAFFESOLI, M. 2000. *L'instant éternel: le retour du tragique dans les sociétés postmodernes*. Paris: La Table Ronde.

MILL, J. S. 2017. *Sobre a liberdade e a sujeição das mulheres*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras.

MISES, L. von. 2010. *Ação humana*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.

PORCHAT, F., et al. 2021. *Responsável*. Porta dos fundos, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.portadosfundos.com.br/video/responsavel>. Consultado em 29/07/2021.

PRETAO OPINIÕES (@fodaseopreton). 2021. O punk. Twitter, 07 jul. Disponível em: <https://twitter.com/fodaseopreton/status/1412764233994059776>. Consultado em 10/08/2021.

SANTIAGO, H. 2020. *Aos 62 anos, Madonna já é vítima de etarismo: redes sociais aumentam preconceito*. Uol, 16 ago. (caderno Comportamento). Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/16/etarismo-por-que-ofender-madonna-pela-sua-idade-e-um-retrocesso.htm>. Consultado em 29/07/2021.

SILVA, M. F., et al. 2021. Ageism against older adults in the context of the COVID-19 pandemic: an integrative review. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, n. 4. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003082>.

TOCQUEVILLE, A. de. 2000. *A democracia na América: sentimentos e opiniões de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, v. 2.

WEBER, Max. 2016. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Mário Morais – São Paulo: Martin Claret.

WEBER, Max. 2012. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc. de Gabriel Cohn, 4^a ed. 4^a reimpressão Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2 vols.